

## Existências Negligenciadas (II)

**Thiago Sebastiano de Melo**

[Docente CET/UnB. Membro da Coordenação Executiva do Comitê Goiano de Direitos Humanos Dom Tomás Balduino]

Como lhes dizia na [Coluna anterior](#), foi com a Telma que conheci pessoalmente pela primeira vez o diagnóstico de fibromialgia. Muitos anos antes de que eu mesmo começasse a desenvolver sintomas de uma doença autoimune. Foi doloroso, foi angustiante. Como não havia um tratamento “certo”, eficaz, pesquisas avançadas, medicamentos específicos? Essa situação que deixa à deriva tantas pessoas a maltratou muito. Em função disso, tivemos longas conversas sobre futuro, planos, estratégias de não ceder do lugar de desejante, formas de resistir à maldição da negligência. Esta, é, sobretudo, estatal, mas é, também, pessoal. As traições de homens, de diferentes tipos, em diferentes contextos e com diferentes condições sociais, a abalou por muito tempo. Antes de falar sobre como tudo isso me afeta, o que farei num próximo momento, registro aqui minha homenagem para uma mulher que esteve à frente de políticas de redução de danos para pessoas em situação de rua, que fez da psicanálise um instrumento de compromisso com as expressões mais vulnerabilizadas da sociedade, na vanguarda da defesa da diversidade existencial e que, por isso mesmo, era membra da comissão da Diversidade da OAB. Apesar de não reivindicar, não se pode negar que sua existência foi construída nos laços do que chamamos saúde do/a trabalhador/a.

Que forma tem o amor?

A forma de uma mulher, certamente!

Não porque sou homem. Não é uma questão de gênero.

É uma questão de experiência!

Não só de vivência, veja bem.

Quem forma para o amor?

Para mim, a forma tem nome: Telma!

Quando estava despedaçado, foi com ela que aprendi a me juntar.

Quando achei que não pudesse mais amar, foi com ela que aprendi a ladrilhar o caminho para casa.

Quando a vi despedaçada, foi tomando café que conversamos sobre como ela poderia se juntar.

Juntos, colamos mais que lindas fotos em nossos álbuns.

Nos demos um afilhado, irmãs-amigas, inspirações, aspirações e transpirações.

Abrimos e fechamos a porta de um mundo selvagem político-partidário.

Alimentamos a construção da ocupação do espaço público com festas populares.

Nesse instante a saudade tem gosto de macarrão de frango com molho de mostarda.

Tem cheiro de café.

Tem o som do Belchior cantando ao fundo, entre conversas animadas, num Ponto com Spaghetti cheio de afetos.

Do outro lado do oceano, sozinho, sem poder, e sem querer, conter as lágrimas, só o cheiro do café, mesmo instantâneo, mesmo sem ela, mesmo sem vocês, é capaz de me conectar. De me “ligar”, como diria Freud. É meu jeito de estar junto, de me despedir.

Qual o tempo do amor?

Indubitavelmente, não o comercial. Tomar café à meia noite? Sim!

Acordar pra quê? Acordar com quem?

Uma parte fundamental de mim já não está aqui,

tudo pode e deve esperar quando a vida faz uma pausa para se despedir do amor!

Esse exato momento, 00:00, é a célula que liga mais simbolicamente o ontem e o amanhã. O passado e o futuro.

Pois é exatamente assim que nos despediremos, para nós, sem mais ninguém, só eu e você, num gole de café à meia noite!

Que o calor do café, que essas lágrimas igualmente quentes,

que esse soluço que movimenta o corpo e espanta o frio do inverno, sejam o retrato do que fica.

Você se parte, aí, no verão, você se foi, para mim, no inverno.

Não o contrário, antes, o reflexo: nossas imagens invertidas como o que pudemos ser ao longo de mais de duas décadas de profundo amor e aprendizado: um espelho! Nosso reflexo!

18/03/2024

■ ■ ■

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*